

Psicopedagogia e Psicologia escolar: reflexões para interdisciplinarização

MARCOS VENICIO ESPER*

ALZIRA JORRI TOMEI*

Resumo: Saúde Mental na infância abarca conceitos de deficiências, transtornos, síndromes e processos de aprendizagem. Esse artigo tem objetivo de interdisciplinarizar e multiprofissionalizar os olhares para essa densa e complexa temática. É necessário que os profissionais da educação e saúde tenham um alinhamento para orientar, prevenir e tratar as questões voltadas para a saúde mental da infância. A Psicologia Escolar, que é um exemplo de profissão que tem se dedicado a essa questão, bem como a Psicopedagogia como mais uma área do conhecimento voltada para problemáticas nos processos de ensino-aprendizagem devem harmonizar-se por meio da interdisciplinaridade e, portanto, uma abordagem não é mais ou menos detentora de saber que outra. O alinhamento deve ocorrer por meio da interação, da humildade, respeito pelo outro, também marcadas pelo sentimento de intenção consciente, clara, objetiva e não apenas pela interação de elementos da erudição.

Palavras-chave: infância; criança; educação; saúde; ensino; aprendizagem.

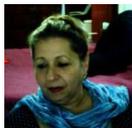
Psychopedagogy and School Psychology: reflections for interdisciplinarization

Abstract: Mental health in childhood encompasses concepts of disabilities, disorders, syndromes and learning processes. This article aims to interdisciplinarize and multiprofessionalize the looks for this dense and complex theme. Education and health professionals need to be aligned to guide, prevent, and address issues related to childhood mental health. School Psychology is an example of a profession that has been dedicated to this question, with Psychopedagogy, another area of knowledge focused on problems in the teaching-learning processes which must be harmonized through interdisciplinarity and, therefore, one approach does not have more or less knowledge than another. Alignment should take place through interaction, humility, respect for the other, also marked by the feeling of conscious, clear, objective and not merely by the interaction of elements of erudition.

Key words: childhood; child; education; health; teaching; learning.



* **MARCOS VENICIO ESPER** é Pedagogo, Psicopedago, Mestre em Ciências da Saúde (UNIFESP); doutorando em Ciências (USP-EERP); membro e professor colaborador da LAPED (Liga Acadêmica de Pediatria) - UEMG.



* **ALZIRA JORRI TOMEI** é Psicopedagoga, Letras, Direito, Gestão Administrativa Bilíngue com DRT autorizado pelo Ministério do Trabalho. Articulista em jornais oficiais da cidade e interior de SP. Docente e coordenadora de projetos multiinterdisciplinares em Ensino Superior.

Introdução

É comum pais, professores e até mesmo alguns profissionais da saúde confundirem ou mesmo não saberem sobre as funções e papéis desempenhados por profissionais da psicopedagogia ou da psicologia. Saúde Mental na infância abarca também conceitos de deficiências, transtornos, síndromes e processos de aprendizagem. Buscam-se, nesse texto, interdisciplinarizar e multiprofissionalizar os olhares para essa densa e complexa temática. Criança agitada, triste e angustiada, insociável, come demais ou come de menos, apresenta problemas de aprendizagem na escola, talentosa em excesso, tímida e violenta: há várias razões para a família ou responsáveis confiar e buscar auxílio de um profissional da saúde ou da educação. Na fase de inocência e da autoconstrução, quais são os comportamentos patológicos e os que não são? O que é da área da saúde ou educação? Onde o sofrimento psíquico começa na criança? Quando e quem consultar e buscar apoio? É necessário, desde cedo, rotular e medicalizar comportamentos atípicos? Essas questões dizem respeito à sociedade como um todo, porque refletem nossa relação com a norma, as regras e as diferenças.

Alguns pais, diante de questões de saúde mental das mais variadas com seus filhos, nem sempre procuram uma terapêutica para seus filhos, mas buscam “respostas profissionais” que amenizem suas angústias diante dos eventos. Essa é uma realidade no âmbito educacional, pois nem sempre há encaminhamentos ou



orientações aos pais ou responsáveis de maneira ponderada.

Collares e Moysés (1994), afirmam que os professores que deveriam ser os responsáveis por analisar os problemas educacionais, ao adotar uma postura acrítica, apenas encaminhem os

alunos aos especialistas da saúde. Percebe-se que os alunos que apresentam alguma dificuldade no processo de ensino-aprendizagem são considerados como responsabilidade exclusiva do professor da educação especial, eximindo os professores da sala regular de analisar e buscar novas estratégias que possibilitem o seu desenvolvimento, sem antes rotulá-lo como possuidor de alguma questão de saúde mental ou de alguma patologia. Por sua vez, quando acontece esse encaminhamento para avaliação do professor de Educação Especial ou especialistas da Psicopedagogia ou Psicologia Escolar, este também transfere para o âmbito médico a possibilidade de diagnosticar com exatidão e controlar a possível patologia (BONADIO; MORI, 2013; SILVA, 2017).

O sucesso dos alunos fica a cargo dos professores da educação especial e, eventualmente, dos professores da sala regular, que não observam o desenvolvimento do aluno incluído como sendo de sua responsabilidade (GLAT et al, 2006). Isto posto, a autoridade médica, mesmo sem orientar os pais e os professores, e sem nenhuma aproximação com a área da educação, detém o poder de dizer que aquela criança não está aprendendo por razões biológicas. Com isso, anula-se a competência pedagógica, que deveria ser assumida pelo professor e

especialistas e não o é. Esse discurso produzido pelo médico passa a ser reproduzido pelo professor, que incorpora as explicações organicistas e reducionistas (BONADIO; MORI, 2013), dando brecha a um ciclo no qual o aluno com questões de saúde mental ou deficiência fica limitado por pessoas – profissionais da educação e da saúde – que deveriam ser colaboradoras para o seu progresso.

Em relação à medicalização, os discursos estão postos no imaginário público e influenciam os pontos de vista e convicções de famílias e professores. Há uma vasta divulgação, em especial através da Internet, conceitos e dados sobre as características dos diagnósticos “psis”, bem como testes e caracterizações para facilitar a identificação de supostos transtornos. Assim, tais caracterizações possibilitam o uso comum de elementos dos discursos científicos e o estabelecimento de práticas de autocontrole e vigilância para que qualquer pessoa possa reconhecer os outros ou a si como portadores de uma doença mental (CORRÊA, 2010).

A sensibilidade dos profissionais da área da saúde, ao ouvir os depoimentos e conflitos dos familiares, alunos e instituições de ensino, os leva à saturação ou esgotamento dos elementos específicos da saúde, amarrando, de certa forma, sua atuação desvinculada da aplicação específica que seria a psicologia e/ou psicopedagogia SUCIGAN (2012). Nesse sentido, a autora salienta que se faz necessário estabelecer o conceito e as diferenças entre o acolher e o encaminhar. Dessa maneira, o acolher propõe uma inversão na lógica da organização e no funcionamento do serviço de saúde, garantindo a acessibilidade universal, deslocando o eixo central do médico para a equipe interdisciplinar e

multiprofissional. Portanto, é condição “*sine qua non*” que os profissionais da educação e saúde tenham um alinhamento para orientar, prevenir e tratar as questões voltadas para a saúde mental da infância.

Os caminhos que as ciências humanas vêm trilhando, ora parando, retrocedendo, avançando, transformando, mostra que o homem moderno com suas grandiosas faltas, aparece como objeto/sujeito empírico cada vez mais em estudos no âmbito da Psicologia, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Geografia, Linguagem e demais áreas das ciências humanas. Os conceitos de interdisciplinar e transdisciplinar apresentam-se como complementares e deslizam seus sentidos convergindo para o “inter-relacionar” campos de saberes para compreensão da realidade do ser humano. Vale ressaltar que, nesse sentido, não existe lugar para ciências melhores, mais detentoras de saberes que outras. Elas encontram-se com a prioridade de promover debates, de constituir saberes, de cancelar ideias dogmáticas e, assim, apresentar uma nova forma de fazer ciência (BEZERRA, p. 123, 2019).

Não é nosso objetivo discutir, especificamente, a questão de saúde mental, transtornos mentais, síndromes, problemas de aprendizagem, e sim colocar em evidência que tais questões são, sobretudo, multifatoriais, ou seja, são resultados de complexas interações entre fatores genéticos e ambientais e não somente do aluno, da criança, do ator social.

O que queremos trazer à baila são reflexões de saúde mental na infância, o que possibilita o aparecimento de algumas práticas e conhecimentos especializados nas questões, dentre as quais se destacam a Psicologia e, em particular, a Psicologia Escolar, que é um

exemplo de profissão que tem se dedicado a essa questão, bem como a Psicopedagogia como mais uma área do conhecimento voltada para problemáticas nos processos de ensino-aprendizagem.

Psicologia da Educação e Psicopedagogia

Para Alencar (2013), os campos de atuação da psicologia da educação ou da psicopedagogia não garantem o fortalecimento de suas práticas. Deve-se investir em pesquisas teóricas, qualificadas e críticas. Segundo o autor cabe ao psicólogo procurar os sentidos existentes nos discursos explícitos dos professores, podendo assim identificar a sua prática. É necessário ampliar o olhar observador do professor, com a sensibilidade clínica necessária a dar sentido aos aspectos subjetivos dos sujeitos envolvidos no processo educacional, e não se prender somente à problemática aparente e presente na vida da criança, na família ou no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Pontes (2010), uma ação psicopedagógica nas escolas chega para atender a necessidade de um trabalho de caráter preventivo e de assessoramento no contexto educacional. Neste caso, o psicopedagogo na escola teria o papel de realizar uma série de tarefas como: orientação educacional, propor a intervenção no currículo; propor mudanças no projeto político pedagógico, bem como na metodologia de ensino do professor; discutir o aprimoramento dos professores, de maneira a um desenvolvimento satisfatório no processo ensino aprendizagem. Torna-se necessário, portanto, uma visão holística do contexto escolar, onde está inserido com compromisso responsável. Ainda em Pontes (2010), o psicopedagogo poderia contribuir para uma boa comunicação entre escola e família, favorecendo um

clima de confiança e estabelecendo uma ligação positiva e construtiva. Pois esse dueto nem sempre é harmônico, podendo o psicopedagogo deparar-se com situações conflitantes, tensas e pouco produtivas.

Para Azevedo e Gonzaga (2010), ainda é considerado confuso e não satisfatoriamente definido e delimitado o papel do psicólogo escolar diante das dificuldades no processo de ensino e aprendizagem. Para esses autores, a formação profissional, seria responsável por delimitar as atribuições teóricas e práticas do psicólogo escolar, diante das dificuldades de aprendizagem. Ainda de acordo com Andrada (2005) atualmente o Psicólogo Escolar é um profissional muito requisitado por educadores, equipe escolar e famílias, porém, é ainda compreendido, na maioria das vezes, como “aquele que pode tratar os alunos problemas e devolvê-los à sala de aula bem ajustados”. Essa visão caracteriza e fundamenta a intervenção clínica, uma prática que precisa ser abolida das Escolas, e revela a necessidade do estabelecimento de matrizes teóricas que fundamentem a prática deste profissional tão requisitado e tão pouco compreendido.

Para Weiss (2008) o psicopedagogo não necessita somente de um domínio teórico para o exercício da profissão, mas necessita buscar uma percepção mais aguçada, ou seja, mais crítica. O psicopedagogo necessita de recursos emocionais e cognitivos para somar informações e processar saberes, para ter a possibilidade de aplicá-los da maneira mais conveniente. Para isso, a saúde emocional é fundamental. Lidar com famílias em relações, muitas vezes complexas, em processos de organização, conseguir identificar as dificuldades por trás da queixa, identificar uma possível

saída, tudo isso requer uma postura bastante cautelosa e equilibrada.

Fagali e Vale (2003) destacam que a Psicopedagogia vai além das pesquisas relacionadas apenas aos problemas de aprendizagem. Os estudos caminham em duas direções: a curativa ou terapêutica e, a preventiva. Na linha curativa tem como objetivo reintegrar ao processo de construção de conhecimento, as crianças ou jovens com dificuldades no aprendizado. Na linha preventiva, busca refletir e desenvolver projetos pedagógicos no âmbito educacional, enriquecendo, tanto os procedimentos em sala de aula, as avaliações, quanto os planejamentos na educação sistemática e assistemática.

Para Alencar (2013), é clara a necessidade de uma equipe multidisciplinar no ambiente escolar, sendo o professor um elemento fundamental nesse processo. Segundo os autores, o psicólogo no contexto escolar deveria desenvolver um trabalho de diagnóstico aliado às intervenções pedagógicas de alunos com dificuldade de aprendizagem, agregando valores pessoais, familiares, comunitários e da escola, estabelecendo entre os vários segmentos de ensino a influência destes em contribuir com os procedimentos educacionais de forma que sejam atendidas às necessidades individuais e garanta a integridade do ser. Já o psicopedagogo, na visão dos mesmos autores, deveria entender de maneira geral, ou seja, o contexto interno e externo, bem como utilizar variados saberes para atuação em questões cognitivas, emocionais, orgânicas, familiares, sociais e pedagógicas que perpassam o processo de ensino e aprendizagem, produzindo estratégias para proporcionar um processo de ensino aprendizagem satisfatório.

Os autores salientam:

Entretanto, em se tratando das possibilidades de intervenção de atuação destes profissionais pode-se perceber que o campo de atuação é vasto e cada um possui suas peculiaridades, mas que os pontos de atuação muitas vezes são convergentes, tendo em vista a busca de um objetivo comum que é promover a aprendizagem de forma satisfatória com o desenvolvimento do ser em seus aspectos biopsicossociais (ALENCAR, 2013, p. 27).

Jucá (2000) fez uma excelente análise acerca do posicionamento assumido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), apresentando um conjunto de argumentos contrários ao reconhecimento da profissão de psicopedagogo: “Quanto ao fato da Psicopedagogia utilizar-se de conhecimentos psicológicos e pedagógicos para constituir-se, perguntamos: mas não é exatamente assim que surge uma nova ciência/profissão? A Psicologia também não contém base teórica noutras ciências como Biologia, Sociologia, ou seu corpo teórico já "nasceu" psicológico? Quanto à acusação de a Psicopedagogia possuir "interesses escusos" no que se refere a uma reserva de mercado, perguntamos: qual parece ser a preocupação do CFP ao tentar impedir a regulamentação desse outro conhecimento? Não há, também, além de uma inegável preocupação ética do CFP com a propagação e utilização de conhecimentos psicológicos por profissionais não habilitados, uma tentativa de proteger o psicólogo escolar da concorrência do psicopedagogo e, mais ainda, o psicólogo clínico que recebe em seus consultórios o aluno com problemas na escola?” (JUCÁ, 2000, p. 12)

Considera-se falta de clareza nos discursos dos autores em relação aos espaços que cada profissional deva estar,

o que pode causar inseguranças e dúvidas. Para Alencar (2013), em se tratando das possibilidades de intervenção de atuação destes profissionais pode-se perceber que o campo de atuação é vasto e cada um possui suas peculiaridades, mas que os pontos de atuação muitas vezes são convergentes. Esse seria, a nosso ver, um ponto a ser considerado, pois pode haver desequilíbrio quando a atuação profissional se converge e não há entendimento entre os profissionais.

Deve-se considerar a participação do professor nos processos de crianças com transtorno mental, deficiência intelectual, dificuldades de aprendizagem, pois comumente são eles, professores ou professoras, em diferentes ambientes que observam e identificam dificuldades ou variações de comportamentos relacionados à vida de cada criança.

Como tentativa de refletir acerca da questão digladiar ou harmonizar as duas áreas, entende-se que um caminho plausível é a interdisciplinaridade. Entende-se interdisciplinaridade como ideias norteadas por eixos básicos: a interação, a humildade, a totalidade, o respeito pelo outro, também marcadas pelo sentimento de intenção consciente, clara, objetiva e não apenas pela interação de elementos da erudição.

Este empreendimento comparativo entre as duas vertentes que, mediocrementemente vem distanciando cientistas do comportamento humano, alerta psicólogos e psicopedagogos no sentido de que, cada um por si, não teria resultados tão completos como quando ambas as ciências se entrelaçam.

Minimizar o ego individual de cada um desses profissionais é ação que deveria ser voluntária e consciente. Nesse ponto comum, deve ser compreendido o fato que a competição entre ambos

desfavorece a nobreza da ética, do bom senso, do conhecimento e da razão.

O medo é ancestral. Só indivíduos inseguros profissionalmente permitem que a rixa seja o demonstrativo do medo que sentem das perdas de suas funções. Não há ciência maior ou menor. Ela é a herança da plenitude da certeza de que o conhecimento não é estático nem linear. Ao contrário, ele é espiralado nas voltas que a diversidade abraça ao buscar causas novas e nobres.

O dinamismo que se aborda nesse parágrafo carrega nas veias da análise uma abordagem de reeducação, considerando-se que não se aceita a acomodação das pesquisas como prontas, aceitas e resolvidas. Abrir portas para a subjetividade, interação, contestação entre outros verbos de ação faz com que aspectos sejam relacionados entre si, aumentando a cognição como uma proposta continuada; acima de tudo impulsionada, por assim dizer.

O campo de intervenção da Psicopedagogia como disciplina que trabalha as aprendizagens humanas deve, sobretudo, agarrar-se à Psicologia para que haja êxito nas duas pontas de estudo, de forma harmonizada, integrada em cadeia de raciocínios lógicos além de humanos. Explicar um artigo científico nesses parâmetros é desafiar fatores diversos de fenômenos conflituosos no processo humano de aprendizagem.

Trabalhar o dinamismo da Psicopedagogia é maturar perguntas que foquem origem da área, identidade, direção, meios, propósitos como pontos vitais como alavanca do conceito e utilidade da disciplina. Assim como a Psicologia, como área de conhecimento, entende-se como prática fundamental o diálogo entre ambas as instâncias. Como resultado satisfatório, a harmonização deve ser obviamente simples e razoável

em nível de construção e análise do intelecto.

O reducionismo da Psicopedagogia, muitas vezes pretendido por profissionais da área da Psicologia acentua as discordâncias de ambos os profissionais que digladiando-se despropositadamente, desconsideram a complexidade do ato de aprender, desvinculando-se de apoios em áreas diferentes e disciplinares do conhecimento básico. Minimizam, dessa forma, os limites de uma avaliação sustentada em padrões estabelecidos anteriormente, preterindo o vínculo necessário da relação entre os indivíduos.

A multidisciplinaridade aceita e exigida para contribuição das áreas do conhecimento: Filosofia, Sociologia, Psicanálise forçadamente induz as pesquisas aos meandros do questionamento sobre a razão e a noção da ligação indivíduo e sujeito como item relacional da real identidade. Em sua página 15, MELUCCI, 2004 argumenta:

“Não há fixação sólida em uma identificação estável. O ‘eu’ joga, oscila e reproduz, multiplicando-se. Em linguagem automaticamente lógica, o ‘jogo’ indica corrente, cadeia que não deve ser déspota em suas colocações. Assim, o ‘eu’ perde-se no egoísmo de profissionais que não se encaixam, que não se adaptam a um ‘joint’ para o desenvolvimento amistoso no campo profissional”.

O sucesso da interação solicita entrelaçamentos entre visões de diferentes autores que formam o engrossamento das substâncias de pesquisa, em múltiplas versões, considerações e conceitos. Há sempre mais perguntas inesgotáveis, como um jogo em engrenagem, onde não cabem conceitos restritos, míopes a interações. Ainda que correto em visão clínica ou institucional, o Psicólogo deve colaborar

no enriquecimento da disciplina de Psicopedagogia.

Ao caminhar por “terras” da disciplina coirmã, os profissionais de áreas supostamente distintas: Psicologia e Psicopedagogia constroem seus próprios idiomas ou dialetos, cada um para seu estilo de trabalho. Onde começa um, onde termina outro, esses questionamentos fazem parte de uma relação digamos que dialógica, ponto em que diferentes autores, matérias e construtores do saber contribuem, conjuntamente, para o surgimento de um livro psicopedagógico de consultas, com as devidas nomenclaturas e símbolos linguísticos.

Quando um paciente não responde ou corresponde às necessidades de escolarização, a Psicopedagogia corre para agarrar-se às práticas clínicas que direciona seus olhares para os resultados analíticos dentro das análises psicopedagógicas. Esse parecer de ambos, casados, mais uma vez comprovam a alienação óbvia e evidente, embasada na consciência de que o desmembramento não se consolida.

Aqui nesta vertente, abraça-se a Pedagogia no sentido de que o psicopedagogo, especializado em aprendizagem acompanha a equipe da arte do saber dentro dos muros escolares adequando projetos e programas desenvolvidos no decorrer do ano, fazendo cumprir o planejamento.

Os projetos multi-interdisciplinares têm tido o objetivo específico, dentro do campo da aprendizagem significativa de justificar posições que deem conta de modalidades de escolarização, denominadas ‘escola para todos e para cada um’. O Psicopedagogo facilita à escola como instituição, a lidar de melhor forma nas redes que unem agentes em comum acordo, nas formas mais

complexas que o sistema educacional se apresenta.

Justificamos essa posição para dar conta de uma modalidade de escolarização: “escola para todos e cada um”. Dito de outra forma: o psicopedagogo está preparado como o especialista em aprendizagem para acompanhar a equipe pedagógica na adequação de programas, projetos, bem como atender às questões relacionais envolvidas no contexto escolar. O “professor tem a chave” na sala de aula, “o psicopedagogo tem a chave” para que a instituição Escola possa lidar melhor com a complexidade das questões envolvidas na rede composta pelos agentes envolvidos dentro e fora dos muros da instituição.

De forma paradoxal deve haver acolhimento de diferentes estilos por parte de construção dos corpos linguísticos, expressando, da sua forma, um denominador que venha a contribuir para a sua forma de ser quanto à categoria profissional.

Construcionismo Social tem ajudado à identificação, nomeação e diálogos, mas por diferentes formas de discurso, dando maior abertura a autores para que façam distinções entre suas verdades. Elas não podem ser únicas e absolutas. Deve haver a ética como mediadora nesse sistema de interação. Não há ideia construcionista que não desafie a ideia de que a ciência revela uma única Verdade.

As inquietações relacionadas a esses confrontos nos incentiva, como autores, a abrir portas aos novos pesquisadores, no sentido de beneficiar os estudos em questão ampliando novos horizontes quanto à adequação da linguagem científica norteadora da harmonização entre Psicólogos e Psicopedagogos respeitando diferentes descrições e traçamentos científicas sobre as áreas.

Considerações finais

O texto teve o objetivo de trazer reflexões de saúde mental na infância, o que possibilita o aparecimento de algumas práticas e conhecimentos especializados nas questões, dentre as quais se destacam a Psicologia e, em particular, a Psicologia Escolar e a Psicopedagogia. Entendeu-se que os conceitos de interdisciplinar e transdisciplinar são complementares e seus sentidos se convergem para “inter-relacionar” campos de saberes para compreensão da realidade do ser humano, em especial a realidade no âmbito educacional.

Vive-se, atualmente, num mundo repleto de violência, de competitividade, de desagregação da harmonia que existe entre as pessoas, entre as instituições, na sociedade como um todo. Parece-me que as pessoas perderam muito dos seus contextos de harmonia, de irmandade com muita facilidade.

A ideia aqui é a busca do harmonizar as diferenças de maneira que isso venha refletir em diferentes contextos (dos alunos, das famílias, das instituições), e com isso manter as diferenças de maneira mais harmônica, mais equilibrada e não ter esses rompantes pra vir a se digladiar com o diferente, no sentido de ficar "o que é meu... é meu e o que for teu... é teu".

Emprestamo-nos das palavras de Jung para finalizar esse breve texto: “Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” (JUNG, 1991, p. 5). Somemos em prol de todos e não individualizemos e façamos com que alguns tenham muito e outros tenham quase nada. Tanto a psicopedagogia quanto a psicologia podem e devem fazer diferença na vida do indivíduo.

Esta frase resgata a humanidade dos profissionais em questão, psicólogos e

psicopedagogos, sugerindo que ao mesmo tempo em que devem empenhar-se para um domínio teórico e técnico, devem, em todas as circunstâncias, ser humanos.

Referências

ALENCAR, Cristiana Linhares Ribeiro et al. PSICÓLOGO ESCOLAR E PSICOPEDAGOGO: LIMITES E POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO. **ID ON LINE REVISTA MULTIDISCIPLINAR E DE PSICOLOGIA**, v. 7, n. 19, p. 19-30, 2013.

ANDRADA, E. G. C. **Focos de intervenção em psicologia escolar**, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-5572005000100019&script=sci_arttext. Acesso: 13/05/19.

BEZERRA, Josenildo Soares. Habitar a ciência, transgredir verdades, interdisciplinarizar saberes. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 5, n. 13, p. 118-127, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/index.php/RECEI/articel/view/3341>. Acesso: 02/04/2020.

BONADIO, Rosana Aparecida Albuquerque; MORI, Nerli Nonato Ribeiro. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica [online]. Maringá: **Eduem**, 2013, pp. 233-242. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/963vf/pdf/bonadio-9788576286578.pdf> Acesso em: 02/04/2020.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação). **Série Ideias**, n. 23. São Paulo, FDE, 1994, p. 25-31. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_23_p025-031_c.pdf Acesso em: 02/04/2020.

CORRÊA, A. R. M. Infância e patologização: crianças sob controle. **Revista brasileira de psicodrama**, 18(2), 2010, 97-106.

FAGALI, E.Q.; VALE, Z.D.R. **Psicopedagogia Institucional Aplicada: Aprendizagem Escolar Dinâmica e Construção na Sala de Aula**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 93p.

GLAT, Rosana; SANTOS, Mônica Pereira dos; SOUSA, Luciane Porto Frazão de; XAVIER, Kátia Regina. Formação de professores na educação inclusiva: diretrizes políticas e resultados de pesquisas. Publicado em **Anais do**

XIII ENDIPE- XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – Recife – Pernambuco – 2006. Disponível em: <http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/ENDIPE%202006.pdf> Acesso em: 02/04/2020.

GONZAGA, Mariana dos Santos P. e AZEVEDO, Antonia Cristina P. **A dificuldade de aprendizagem e o papel do psicólogo escolar**. 2013. Disponível Em <http://www.Psicopedagogia.Com.Br/Artigos/Artigo.Asp?Entrid=1232> Acesso Em 04.04.2019.

IVERSEN Sucigan, D. H., Pellegrino Toledo, V., & Rigon Francischetti Garcia, A. P. Acolhimento e saúde mental: desafio profissional na Estratégia Saúde da Família. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, 13(1), 2012.

JUCÁ, M. R. Síndrome de Caim: Psicologia Escolar, Psicopedagogia e o "fracasso escolar" como mercado de trabalho. **Estudos de Psicologia (Natal)**, 5(1), 2000, 253-260.

JUNG, Carl Gustav. **Obras Completas**. Volume VII. Estudos Sobre a Psicologia Analítica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

MELUCCI, A. **O jogo do Eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo: Unisinos; 2004.

NASCIMENTO, R. T. A. D., & Serafim, A. D. P. Psicopedagogia e Psiquiatria: possibilidades de cooperação. **Revista de Psicopedagogia** (São Paulo), v 29, n. 89, 2012. Disponível http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862012000200011.

PONTES, Idalina Amélia Mota. Atuação Psicopedagógica No Contexto Escolar: Manipulação, Não; Contribuição, Sim. **Rev. Psicopedag.**, São Paulo, v. 27, n. 84, 2010. Disponível http://Pepsic.Bvsalud.Org/SciELO.Php?Script=Sci_Arttext&Pid=S010384862010000300011&Lng=Pt&Nrm=Iso. Acesso 15 maio 2019.

SILVA, Renata Maldonado; RIBEIRO, Luana Leal. Permanências do modelo médico nos discursos dos professores da Educação Especial. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 13, n. 1, p. 141-166, 2017.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 13. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

Recebido em 2019-06-19
Publicado em 2020-07-21